

## Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder

Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008

### **“Mas você é gay também?” – algumas reflexões sobre nossas subjetividades e corpos em campo**

Carolina Parreiras (UNICAMP), Camilo Albuquerque de Braz (UNICAMP)  
Etnografia; marcadores de diferença; Interseccionalidades  
ST 18 - Interseccionalidades e produção de diferenças e desigualdades

Nos últimos anos, muitos/as pensadores/as sociais interessados/as em estudos de gênero e sexualidade vêm lançando mão de idéias “pós-estruturalistas” ou “pós-modernas” em seus escritos. Apesar das divergências entre tais teorias, muitas delas ressaltam o caráter dinâmico e fluido da experiência social nas ditas sociedades contemporâneas. Tais perspectivas, em grande medida influenciadas pelas idéias de Michel Foucault, levam a um questionamento das identidades (inclusive as de gênero) como entidades fixas, singulares e descoladas da prática, da história, do social ou da linguagem (ver, a esse respeito, Braz, 2007).

Para Butler, o “eu” é constituído por posições, é situado, e essas “posições” não são meros produtos teóricos, mas “princípios organizadores embutidos de práticas materiais e arranjos institucionais, que são as matrizes de poder e discurso que me produzem como um ‘sujeito’ viável” (Butler, 1997; 2003).

Essa crítica em relação a um sujeito “pré-social” não é uma negação ou repúdio a ele, mas um modo de interrogar sobre sua construção como dada de antemão. Desconstruir não é negar ou descartar, mas pôr em questão e “abrir” um termo (como “o” sujeito) a uma reutilização e uma redistribuição anteriormente não autorizadas (Butler, 1997).

Pode-se apontar, nesse sentido, a rentabilidade das idéias de Avtar Brah (2006) para se pensar em “identidades” (entre aspas) como marcadas por posicionalidades de sujeito, em constante transformação, não podendo ser caracterizadas como fixas ou singulares. Desse modo,

A identidade pode ser entendida como o próprio processo pelo qual a multiplicidade, contradição e instabilidade da subjetividade é significada como tendo coerência, continuidade, estabilidade; como tendo um núcleo – um núcleo em constante mudança, mas de qualquer maneira um núcleo – que a qualquer momento é enunciado como o “eu” (Brah, 2006: p. 371)

Essas teorias têm apontado, então, para a necessidade de se olhar, investigar, refletir e escrever sobre a produção de subjetividades e a materialização de corpos a partir de um viés interseccional, o que implica propor que gênero, raça, sexualidade, idade, classe/status (ou quaisquer outras diferenças que possam vir a marcar contextualmente a experiência social) não

sejam tomados em separado e nem hierarquizados, na medida em que operam de maneira articulada e contextual em tais processos.

O desafio, quando se trabalha a partir das interseccionalidades, parece ser o de entender sob quais parâmetros matrizes de inteligibilidade diversas estão atuando e de que modo as convenções que produzem estão inter-relacionadas nos cotidianos estudados. Nossa proposta aqui é refletir sobre esse ponto a partir do outro lado dessa moeda. Trazemos dados de duas pesquisas antropológicas que trabalham nessa perspectiva – a primeira é de uma antropóloga buscando interpretar o cotidiano de uma comunidade *on-line* para homens *gays*; a segunda de um antropólogo visando interpretar o cotidiano de clubes de sexo para homens. Traremos alguns dados etnográficos e levantaremos algumas reflexões sobre nossa inserção e sobre o modo como fomos percebidos e nos percebemos nos cotidianos estudados, acreditando que isso nos ajudou a construir nossas interpretações antropológicas deles.

A primeira pesquisa<sup>1</sup> teve como foco algumas das interações desenvolvidas a partir do e no ciberespaço tomando como ponto de partida os relacionamentos estabelecidos entre homens que se relacionam afetiva e sexualmente com outros homens e fazem parte de uma comunidade *on-line* (a Eper<sup>2</sup>) de um programa de relacionamentos – o Orkut ([www.orkut.com](http://www.orkut.com)) (Parreiras, 2007). Deste modo, a intenção era compreender de que maneira as homossexualidades são construídas e expressas no virtual, bem como quais são as convenções e categorias classificatórias empregadas, buscando perceber se há uma reiteração/reprodução ou subversão/rompimento com o *off-line*. Entram também neste quadro a questão das identidades *on-line* e as maneiras como se dá a virtualização dos corpos e objetos.

Foi marcante na realização da pesquisa de campo a entrada na comunidade. A partir do momento em que a participação se concretizou e a observação participante enveredou por caminhos inesperados e passou a incluir uma participação efetiva - debates com os membros através do fórum, criação de tópicos, participação nos jogos-, criou-se uma responsabilidade extra: além de ser apenas uma espécie de *voyeur* das discussões e comportamentos apresentados pelos membros, a pesquisadora passava a ser parte deles. Mas uma parte bem peculiar: era uma mulher no meio de homens, discutindo alguns assuntos do “*universo masculino*” (e esta é a expressão contida na descrição da comunidade), que como um dos membros expressou no *post* em que a pesquisa foi apresentada: “*mulheres debatendo assuntos masculinos sejam heteros ou homossexuais não dá certo.*”

Esta aceitação como membro não era prevista, mas ela significou um excelente momento para refletir a respeito das imagens de homens e de mulheres, bem como de masculinidade e feminilidade, ali reproduzidas. É um tanto sugestivo o nome dado por Garçon- um dos moderadores da comunidade - ao tópico de apresentação da pesquisadora: “Eu, tu, ele, ela, nós, vós,

eles, elas”. Neste tópico, ele dizia que a partir daquele momento, mulheres participariam da comunidade e pedia respeito às postagens feitas por elas. Além disso, indicava o endereço para o perfil da antropóloga e mencionava a pesquisa. As reações foram diversas, sendo que a maioria se mostrou favorável à participação de mulheres. Mas algumas ressalvas foram feitas:

Moisés [dono da comunidade] abra uma enquete! Minha opinião é a de que essa comunidade seja composta por HOMENS. Daqui a pouco vamos estar trocando receitas de bolo... Eu já disse: adoro a mulheres e as acho muito mais lindas que homens, mas não gosto de mulher que quer ter amizade somente com gays porque ‘eles são mais sensíveis e compreensivos’... O cacete bem duro pra quem pensa assim! (Mouse em 27 de abril de 2007).

Sem problemas. Curioso é que faço parte de uma comunidade que é um verdadeiro clube do bolinha hetero, com milhares de membros sendo que apenas uma meia-dúzia é mulher e nenhuma participava dos tópicos, com mais de cem membros ativos homens imaginem a bagunça que era. Eis que surge uma garota e resolve participar ativamente, no início virou deusa da comunidade, todas a tratavam com cavalheirismo. Até que ela começou a dar seus toques femininos a comunidade e alguns dos machões começaram a ficar importunados, alguns até discutiram com ela. E a inteligente teve a brilhante idéia de fazer uma enquete pra eleger o membro mais bonito da comunidade, os caras zoaram a garota e deletaram a enquete. Eu não ligo de ter mulher aqui, mas na minha opinião uma mulher entrar em assuntos masculinos sejam gays ou heteros não dá, nunca deu e nem nunca dará certo. Uma mulher num ambiente com 20 homens consegue tirar a naturalidade de todos eles, já trabalhei numa repartição, isso uns 10 anos atrás, onde trabalhavam 16 homens, o dia inteiro era zoação, baixaria, palavrão. Tiveram a brilhante idéia de botar uma mulher e o ambiente se transformou de bagunça total a sala de espera ou velório, silêncio total, ninguém mais zoava ou ria nem falava besteira. É isso o que penso. (Perseu em 27 de abril de 2007)

Em relação às ressalvas apresentadas à participação de mulheres, o principal argumento utilizado foi o de que aquela era uma comunidade de homens, para homens discutirem assuntos de homens. Como a pesquisadora não estaria familiarizada com estes “assuntos de homem”, sua interferência nas discussões não era bem-vinda. Além disso, haveria o risco de que ela, enquanto *outsider* neste “universo masculino”, “exotizasse” os comportamentos descritos, tratando-os como “bichos estranhos”.

Para eles, mulheres são lindas, inteligentes, legais, sensíveis, intuitivas, mas em um ambiente fora da comunidade. Ao elencarem esses adjetivos como definidores das mulheres eles se utilizam de um convencionalismo extremo, no qual existem características próprias de homens e aquelas próprias de mulheres, bem como as categorias fechadas e homogêneas “os homens” e “as mulheres”.

É marcante na fala de Mouse o uso em maiúsculas da palavra “homens”, gesto que pode ser interpretado como uma tentativa de reafirmar que ali dentro os homens têm voz, eles são os participantes. É como se a presença da pesquisadora, enquanto mulher e não portadora de um pênis, desestabilizasse a organização da comunidade. Havia um medo de que isso pudesse modificar o

rumo das discussões e os comportamentos adotados. É como se existissem assuntos de homens e assuntos de mulheres, sem que entre eles houvesse qualquer coincidência ou interpenetração. De certo modo, o que ocorreu foi uma atualização e exacerbação de categorias e convenções de gênero do *off-line* baseadas nos binarismos, no falocentrismo e na essencialização de um ser homem e ser mulher, bem como das posturas esperadas de ambos os lados.

A segunda pesquisa que dá base a este artigo não é apenas sobre clubes de sexo para homens<sup>3</sup>. É uma investigação sobre os modos como marcadores de diferença diversos operam na constituição de seus sujeitos. Sua metodologia é qualitativa, envolvendo etnografia, observação do cotidiano, conversas informais, entrevistas gravadas, diários de campo. E sua pretensão é antropológica, na medida em que busca interpretar uma miríade de discursos, falas, cenas, fragmentos, experiências...traduzindo-os numa linguagem técnica, acadêmica.

Os clubes de sexo para homens são um fenômeno assumidamente transnacional, com referentes homólogos nas “cenas” ou “meios” *gays* norte-americanos e europeus. O interessante é que essa pesquisa vem demonstrando como se dá seu surgimento também no Brasil. Eles apareceram recentemente em São Paulo, inspirados em locais similares existentes nos EUA e em alguns países da Europa, buscando diferenciar-se dos espaços que já existiam na cidade com a finalidade de propiciar trocas eróticas entre homens, como as saunas.

O trabalho de campo tem envolvido, para além da ida aos clubes, a frequência em páginas da *internet* relacionadas a esses locais e suas práticas, incluindo desde *sites* de busca de parceiros afetivo-sexuais, até comunidades do Orkut, nas quais buscou-se voluntários para conversas via MSN (*Messenger*). Foram entrevistados 29 homens pelo computador, sendo que com alguns deles manteve-se contato bastante prolongado.<sup>4</sup>

Rafael diz:  
cara, na boa, essa foto é tua?  
Antropólogo diz:  
sim...  
Rafael diz:  
putz, com o devido respeito, te acho um T...cara  
Antropólogo diz:  
Uau! Obrigado...  
Rafael diz:  
não sei se você ta ainda "enrolado", mas cara, falei de boa  
Antropólogo diz:  
risos...enrolado?!  
Antropólogo diz:  
Nós moramos juntos há dois anos...risos.  
Rafael diz:  
eu sei disso, você me contou, hahaha  
Rafael diz:  
o termo "enrolado" foi carinhoso. hahaha  
Antropólogo diz:  
eu sei, eu sei.risos.  
Rafael diz:

mas são liberais? Risos.  
[RAFAEL, 39 anos, interior de SP]<sup>5</sup>

Muitas das conversas estabelecidas pela *internet* estiveram o tempo inteiro permeadas pelo flerte, pelas cantadas, pelas avaliações da foto do pesquisador. Certas expectativas e percepções que associam o uso da rede para a busca de parceiros sexuais, ou para o chamado sexo virtual, eram colocadas já no início de muitas das conversas.

João diz:  
você é gay?  
Antropólogo diz:  
Sim, sou.  
João diz:  
bem...  
João diz:  
então aí fica mais fácil  
[JOÃO, 37 anos, ABC-SP]

Muitos entrevistados questionavam durante a conversa (alguns já de início, como o colaborador acima) sobre as preferências erótico-sexuais do pesquisador. Assim como na pesquisa referida acima, havia certos marcadores operando no sentido de materializar quem era o pesquisador, de que posição de sujeito ele estava falando, se ele era “legítimo” ou não para perguntar sobre assuntos tão íntimos.

Num primeiro momento o pesquisador era, para aqueles em quem despertava desejo, um possível parceiro sexual; num segundo momento se transformava, situacionalmente, seja em *voyeur*, seja em “tímido”, seja em “careta”, dentre outras tantas possibilidades – incluindo a de “professor”, “pesquisador”... “antropólogo”.

Se entendemos de antemão que marcadores sociais de diferença operam contextual e relacionalmente na produção dos sujeitos que estudamos e na materialização de seus corpos, o mesmo deve valer para nós mesmas/os enquanto pesquisadoras/es, em campo.

Nossa intenção aqui era ilustrar como os marcadores de diferença não influenciam apenas a experiência daqueles/as que estudamos, mas também o modo como somos por eles/as percebidos. E, em certos momentos, o modo como nossa relação se estabelece. Não estamos aqui defendendo que isso determina quem pode ou não pode, deve ou não deve estudar situações e/ou grupos específicos. Não se trata de reavivar velhos determinismos, mas de reafirmar a importância dos olhares relacionais. Ter em mente que diferenças operam marcando nossa constituição subjetiva em campo pode ser uma boa oportunidade para começar a compreender como elas estão presentes nos contextos estudados – o que, em última análise, é nosso objetivo quando nos propomos a fazer a antropologia deles.

*Referências Bibliográficas*

BRAH, Avtar. “Diferença, Diversidade, Diferenciação”. In: *cadernos pagu* (26), Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2006.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. “Macho *versus* Macho: um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo”. In: *cadernos pagu* (28), Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2007.

BUTLER, Judith. “Against Proper Objects”. In: Leed, Elizabeth & Schor, Naomi. *Feminism meets queer theory*. EUA, Indiana University Press, 1997.

\_\_\_\_\_. *Problemas de Gênero – feminismo e subversão da identidade*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

PARREIRAS, Carolina. “Sexualidades.com: uma análise das relações interpessoais em comunidades virtuais”. Pôster apresentado no 31º Encontro Anual da Anpocs. Caxambu, 2007.

---

<sup>1</sup> Trata-se da pesquisa de mestrado em Antropologia Social de Carolina Parreiras realizada no IFCH da Unicamp, sob orientação da professora Maria Filomena Gregori e financiada pela Fapesp.

<sup>2</sup> O nome *Eper* é utilizado por todos os usuários por corresponder à abreviatura do nome oficial da comunidade. Para não identifica-la ou qualquer um de seus membros, optou-se por utilizar a abreviatura ao invés do nome completo. Além disso, os informantes ou membros citados no decorrer do texto tiveram seus nomes ou nicknames modificados.

<sup>3</sup> Trata-se da pesquisa em andamento de Camilo Albuquerque de Braz no programa de Doutorado em Ciências Sociais do IFCH da UNICAMP, sob orientação da professora Maria Filomena Gregori, financiada pela CAPES.

<sup>4</sup> Foram realizadas também entrevistas “presencias”, com gravador, tanto com frequentadores quanto com os responsáveis pelos clubes. Para a discussão aqui proposta, o foco recairá apenas sobre as entrevistas realizadas por computador.

<sup>5</sup> Os nomes dos colaboradores foram inventados.